



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechincha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Alves Couceiro, Luiz Alberto

Peculiaridades em comum: vida social em B. Malinowski, C. Lévi-Strauss e E. P. Thompson

Sociedade e Cultura, vol. 8, núm. 1, janeiro-junho, 2005, pp. 29-41

Universidade Federal de Goiás

Goiania, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70380102>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Peculiaridades em comum: vida social em B. Malinowski, C. Lévi-Strauss e E. P. Thompson*

LUIZ ALBERTO ALVES COUCEIRO**

Resumo: A importância dos trabalhos de E. P. Thompson para as ciências sociais é bem conhecida, muito por seus estudos acerca da cultura popular e do entendimento de universos sociais históricos os mais diversos. O objetivo do presente artigo é analisar possíveis conexões entre conceitos fundamentais de Thompson e de B. Malinowski e C. Lévi-Strauss, entendendo mais especificamente a idéia de “vida social” do primeiro, fortemente influenciada pela dos dois últimos.

Palavras-chave: E. P. Thompson; teoria das ciências sociais; “vida social”; história.

Introdução: de peculiares e comuns

Em “A peculiaridade dos ingleses”,¹ o historiador inglês E. P. Thompson argumenta que cada nação tem um conjunto de categorias que permeia seus modos sociais. Não estava se referindo ao Estado moderno e a sua burocratização cada vez maior, mas sim à relação cada vez mais forte entre o lugar onde um sujeito vive, não apenas nasce, com um nome que vai caracterizá-lo em oposição a outros sujeitos de

outros lugares, Estados. Inglaterra e inglês são diferentes, porém, o segundo depende do que se entende pela primeira. Assim, por inglês não pensa o ser biológico que nasce na Inglaterra, mas sim um sujeito social, ator histórico, que se articula em meio a costumes e hábitos de um grupo social, que, no período da formação de sua identidade, terá forte influência, inclusive como referência para reformular sua identidade para novos círculos de relações sociais.

Dessa forma, Thompson articula uma espécie de regra geral para determinar sua aplicação no estudo das peculiaridades, modos de ser distintos, de vários povos. Opera com uma idéia muito parecida com o “tipo ideal” de Max Weber, pois caricatura alguns comportamentos, exagera e torna ridículas algumas ações dos agentes sociais, para avaliar até que ponto as peculiaridades são coerentes com os modos de viver daqueles nacionais e, mais do que isso, como os diversos grupos sociais constroem suas identidades, códigos de diferenciação e aproximação entre si. O que significa ser um inglês, por exemplo, serve não apenas para pensar a relação pessoal de um sujeito com

* Ricardo Benzaquén de Araújo, Marco Antonio Gonçalves e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti foram interlocutores fundamentais para a produção do presente artigo, e a eles queremos deixar registrado nosso agradecimento. E também dizer que os eximimos de todo o conteúdo do texto, de nossa inteira responsabilidade.

** Mestre e doutorando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – IFCS/UFRJ. E-mail: luizcouceiro@aol.com.

1. Ensaio publicado na edição inglesa de *The poverty of theory and other essays*, New York, Monthly Review Press, 1978, mas excluído da edição brasileira, *A miséria da teoria*, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser, Rio de Janeiro, Zahar, 1981. No Brasil, tal ensaio está publicado em *As peculiaridades dos ingleses*, e outros artigos, seleção de textos traduzidos do inglês organizada por Antonio Luigi Negro e Sergio Silva, Campinas, Editora da Unicamp, 2001. p. 75-179.

os horários marcados para encontros, mas algo que simbolicamente faz-se presente em uma relação muito forte com a idéia de relações sociais marcadas pelo tempo racionalizado de modo radical, presente desde a organização do trabalho até as subjetividades de encontros entre os sujeitos, fora da esfera – para ser ainda mais weberiano – do econômico e do político.²

B. Malinowski, em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922),³ estuda o que é ser um trobriandês, por intermédio da dinâmica social presente no kula, sistema de trocas não somente de objetos, mas estruturada por outras tantas hierarquias, estratificações, punições, etiquetas, regras e algumas poucas – ao menos em sua etnografia – desregras etc. Mais ainda, como compreender a especificidade do trobriandês pelo entendimento das formas de sociabilidade, tendo no kula uma espécie de gramática social de acesso ao seu “objeto etnográfico”. Costumes comuns e peculiares aos trobriandeses, assim entendidos por não serem da mesma origem cultural da de Malinowski, ou qualquer outro que não fosse nativo das ilhas melanésias. Dessa forma, a estratégia de análise de Malinowski pode ser, em certa medida, entendida como um mapa etnográfico a ser seguido, no sentido de o etnógrafo formar seus métodos na própria experiência do trabalho de campo e da vida peculiar entre os agentes peculiares que está tentando entender, por somente o serem quando de sua articulação social.

C. Lévi-Strauss, em *As estruturas elementares do parentesco* (1949),⁴ estuda a vida social nos seus silêncios, exatamente naquilo que os homens como sujeitos sociais repetem sem se importar com a racionalização de suas atitudes. Seria, desse modo, o hábito uma forma

cristalizada, segundo Malinowski, ou mesmo uma estrutura social. Em outro sentido, uma estrutura elementar da vida social seria aquilo que informa os sujeitos de uma mesma sociedade de modo quase que automático em seus modos sociais, por isso mesmo distinguíveis de outras sociedades. Tais sociedades são fundadas na idéia de proibição, algo que seja tabu, que pautar a regra e sua ofensa, códigos morais, quando o antropólogo estaria estudando nada mais do que suas manifestações sociais, ou melhor, modos sociais nos quais os tabus podem ser apreendidos pelo observador.⁵ Comidas em certas épocas do ano que não respeitam necessariamente a ordem climática de um lugar, como no Natal e na Páscoa, ou os fogos de artifício na comemoração da passagem de ano em partes distantes do mundo, e o que dar de presente em diferentes ocasiões de acordo com o sentimento que se quer reafirmar nessas datas são manifestações da mensagem social que estaria presente para ser reafirmada nas relações sociais. Enfim, múltiplas peculiaridades em vários costumes em comum.

A idéia do presente artigo é analisar a maneira pela qual a definição de “vida social” que informa Malinowski, em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, e Lévi-Strauss, em *As estruturas elementares do parentesco*, será retrabalhada por Thompson em vários de seus textos. Dito isto, o procedimento será expor o conceito de “vida social” entendido por Malinowski e por Lévi-Strauss, nos respectivos

2. Acerca da definição de Weber dessas esferas de relações sociais, ver WEBER, Max. *Classe, status, partido*, traduzido do inglês. In: BERTELLI, Antônio Roberto; PALJEIRA, Moacir G. Soares; VELHO, Otávio Guilherme C. A. (Orgs.). *Estrutura de classes e estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966. p. 57-75.

3. Utilizamos a seguinte edição: MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*, traduzido do inglês. In: Malinowski. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. [Os Pensadores].

4. Utilizamos a seguinte edição: LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*, traduzido do francês, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

5. Sobre esse ponto, Edmund Leach formulou, bem resumidamente, a seguinte definição: “O argumento geral é formulado mais ou menos nos seguintes termos: o que sabemos sobre o mundo externo é apreendido através de nossos sentidos. Os fenômenos que percebemos têm características que lhes atribuímos por causa do modo como os nossos sentidos operam e do modo como o cérebro humano está organizado para ordenar e interpretar os estímulos que recebe. Uma característica muito importante desse processo de ordenação é que cortamos o contínuo de espaço e tempo que nos cerca em segmentos, pelo que estamos predispostos a conceber o meio circundante como se este consistisse num vasto número de coisas separadas, pertencentes a determinadas classes, e a pensar sobre a passagem do tempo como se fossem seqüências de eventos separados. Correspondentemente, quando construímos, como homens, coisas artificiais (artefatos de todas as espécies), ou inventamos cerimoniais, ou escrevemos histórias do passado, imitamos a nossa apreensão da natureza; os produtos da nossa cultura são segmentados e ordenados”. Cf. LEACH, Edmund. *As idéias de Lévi-Strauss*, traduzido do inglês. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 23.

textos assinalados, e, em um outro momento, estabelecer como Thompson operou com base nessa discussão, definindo para ele também uma idéia de “vida social” – fundamentalmente nos textos “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial” (1967)⁶ e A formação da classe operária inglesa (1963).⁷

Malinowski e a troca como sentido do ritmo das sociabilidades

Malinowski entende, grosso modo, em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, que o comércio, como uma forma de troca, é uma das características centrais da vida social. Nesse sentido, há vários tipos de troca, inviáveis de ser entendidos sob paradigmas e referências de formas de vida social européias, não sendo possível deduzir o entendimento do kula como uma etapa do comércio europeu. O passo seguinte é aceitar o fato de que cada sociedade teria a sua própria regra de sociabilidade, elemento central para sua compreensão, no contato direto do antropólogo com a população estudada. É importante dizermos que não foi Malinowski o primeiro a realizar trabalho de campo, mas sim o pioneiro a fazê-lo não sobre um grande esquema da experiência humana mais ampla, preteritamente determinado antes mesmo de se chegar ao local, aos “nativos”, tendo a vida social burguesa da Europa ocidental como referência central de tal esquema explicativo. Elege-se, desde já, um elemento fundador da sociabilidade, e escapa-se, também, de uma definição “*tocquevilliana*”, na qual o Homem teria como razão daquela um sentimento gregário inerente à sua natureza, revelador de um certo providencialismo, medidor de leis naturais ou paixões e interesses como instrumentos da realização de fins superiores.⁸

Rompendo com esse paradigma, que não apenas aparece em Alexis de Tocqueville, a definição de Homem dá lugar ao conceito de

ser humano, ganhando matizes mais cuidadosos, na observação de modos de viver em diferentes cosmologias. Em vista disto, *Argonautas do Pacífico Ocidental* foi reconhecidamente um trabalho audacioso para a academia, e por que não para a sociedade, uma vez que Malinowski criara um estilo de escrever etnografia para um público mais abrangente. Ainda assim, conseguiu respaldo acadêmico, com o prefácio escrito por sir James Frazier, o mais importante – e popular – autor evolucionista da época.

Mas e quanto à troca como elemento fundador de sociabilidade?

Por um lado, podemos dizer que a base teórica do autor não dá a compreensão prévia da sociedade a ser estudada; modifica-se na sua aplicação a esta, associada a cada entendimento de determinada sociedade, detentora de sua totalidade. Malinowski, assim, acredita que é possível ao antropólogo localizar e selecionar, durante o trabalho de campo, um elemento central das relações sociais, em virtude do qual outros pontos da experiência social sejam entendidos somente se relacionados a ele. No seu caso, o elemento central é o kula, visto em um primeiro momento como sistema de “comércio material”, depois como referencial de harmonias e desarmonias sensíveis relacionadas à necessidade de manter códigos de honra, hierarquias e rituais os mais diversos que obedeciam a uma ordem específica na dinâmica dos encontros entre as populações das Ilhas Trobriand. Por isso, tais regras não podem ser transpostas para outras experiências sociais.

Por outro lado, o autor também está preocupado com as exceções. Bem no estilo da definição de “anomia social” de Émile Durkheim, Malinowski leva em consideração, mesmo não desenvolvendo com maior vagar, a desregra que faz funcionar, bem ou mal, a regra social. Ora, quando trabalha com os hábitos – os quais chama de “dados cristalizados da vida social” – daqueles povos trobriandeses, estabelece um contraponto com o imponderável, ao que não

6. Utilizamos a seguinte edição: THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

7. Utilizamos a seguinte edição: THOMPSON, E. P. *The making of the English working class*. New York: Vintage, 1966.

8. Ver TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*, traduzido do francês, 2. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo, 1977. Para um comentário mais preciso, ver JASMIN, Marcelo. *Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência política*. Rio de Janeiro: Access, 1997. p. 184-220.

tem caráter de repetição. Dessa feita, as regras socioculturais que organizam as relações entre os agentes não conseguem impor ao seu comportamento um eterno padrão, assim aparecendo o inusitado como variante comportamental. Ao contrário do que se possa pensar, esses dois planos não se anulam, mas se fundam mutuamente; não se excluem, mas sim se incluem numa relação dialética que teria como síntese a vida social. Por conseguinte, Malinowski critica o estágio dos instintos do entendimento evolucionista de sobrevivências, entendendo que devem ser estudadas como relações contemporâneas, sincronicamente, em um mesmo lugar cultural imbuído de regras e experiências próprias, dando origem a várias manifestações da experiência social, em uma série imensa de combinações fatoriais.

A idéia de totalidade não depende da discussão mais detalhada da vida na tal sociedade estudada, mas sim dos elementos centrais da vida social, sendo uma espécie de chave de acesso ao entendimento de certa experiência. Por isso, a unidade de sua análise não é uma aldeia, mas sim o kula, o fator de ligação entre as várias aldeias do arquipélago melanésio. Lembremos que desde Karl Marx, todavia, há o argumento de que o comerciante era aquele que se movimentava entre os grupos sociais distintos, sem com isso penetrar nos seus costumes diversos e específicos. Assim, Malinowski trata não da cultura das tribos, mas da instituição social do kula – entendido como uma forma de comércio entre homens considerados semelhantes entre si –, que tem um valor ritual mais elementar presente entre as várias tribos do arquipélago.

Observando a importância dos braceletes no kula, pergunta-se sobre o valor social de tais objetos, fugindo de pensá-los pela via de uma atividade meramente comercial. Entre outras coisas, seriam veículos de uma série de valores históricos, espécie de memória cultural congelada e não dinamizada pela experiência da vida social. De outra maneira, podemos dizer que conteriam certo tipo de memória condensada de experiências sociais pretéritas, lembranças em si, de alguma forma simbolizando a identidade daquelas sociedades melanésias. No kula, também pôde observar que havia objetos de

maior valor do que outros, mas isto não impedia o movimento dessa atividade social, pois o que importa é a circulação dos braceletes entre aquelas sociedades, só fazendo sentido na medida em que são trocados.

Seria, dessa forma, uma espécie de espírito cultural, acompanhando as relações sociais do presente à sombra de sua iluminação, uma espécie de aura, como se as jóias da rainha da Inglaterra carregassem valores comportamentais de reverência intrínsecos; quando vistas pelos súditos, despertam sentimentos espontâneos, mais afeitos ao plano emocional irracional, em uma espécie de lugar vazio entre o social e o psicológico, difícil de ser determinado. Ou seja, uma espécie de fronteira borrada. Para além da idéia de memória de Walter Benjamin (1983, p. 1-28), Malinowski chama a atenção para a dinâmica efetiva das sociabilidades como chaves, por serem constantes, de ativamento de uma máquina comportamental cultural, quase que romântica.⁹

Logo, se nas sociedades contemporâneas, a posse, a propriedade, o entesouramento dão valor às trocas de objetos, o kula não terá esse mesmo valor. Criando um certo tipo de solidariedade entre sujeitos de diversas posições sociais, o kula não representa um significado mercantil. Para os sujeitos dessa troca – mal comparando com a vida material –, não há o sentido de acumulação material nos objetos em si, posto que são trocados. Há, isto sim, uma outra acumulação, no que diz respeito aos diferentes graus de prestígio e status na sociedade, permanecendo um sistema de alianças entre os participantes, por meio de seu movimento freqüente. Voltamos, dessa forma, às idéias do parágrafo anterior.

9. Vale registrar o sentido estruturante do entendimento das relações sociais, assim como da idéia de sociedade, desenvolvida por Edward Evans-Pritchard em *Os nuer*, em que elegeu a importância fundadora do gado naquela sociedade, assumindo aspectos múltiplos na construção das sociabilidades. Nesse ponto, não é pouca a semelhança entre os métodos de Malinowski e Evans-Pritchard, sem falar na relação intelectual mantida por ambos e nas influências do primeiro no segundo. Ver KUPER, Adam. *Antropólogos e antropologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. Sobre outros aspectos desse debate metodológico fundador da antropologia britânica do século XX, ver SIGAUD, Lygia. Apresentação. In: LEACH, E. R. *Sistemas políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 9-45.

O conceito de vida social é, pois, repensado por Malinowski, escapando do aspecto geográfico como o estabelecimento dos limites para tais, pois o kula abarca o relacionamento de 147 tribos diferentes entre si. Salienta também que, por compreender que no kula há contingências, falhas, riscos assumidos e noções claras de perigo, a idéia de harmonia ficaria muito prejudicada, dando lugar a um complexo muito maior de atitudes dos agentes sociais, pois o funcionamento do kula está sujeito a enfrentamentos e reações contrárias de seus participantes. No entanto, tudo isso ocorre dentro dos vínculos criados com base nas trocas do kula, sendo impossível que qualquer tipo de conflito venha a romper com o funcionamento desse complexo de relações socioculturais. Com isso, imagina encontrar em outras sociedades uma instituição total que desempenhe papéis parecidos para o entendimento mais amplo da experiência social em suas especificidades.

Lévi-Strauss e a troca do “cristalizado” pelo “arcaico”

No capítulo cinco de *As estruturas elementares do parentesco* (1949), intitulado “O princípio de reciprocidade”, Lévi-Strauss trabalha com as chamadas – na tradição francesa – “ciências do homem”, sob certa influência de Durkheim e Marcel Mauss. O texto inteiro tenta domesticar as categorias para abarcar as sociedades humanas de forma universal, a partir do momento que uma regra se transforma quando se aproxima dos objetos de estudo, conseguindo conviver com as suas regras específicas. Assim, Lévi-Strauss inicia o capítulo diferenciando as trocas mercantis das de aliança entre pessoas de uma mesma comunidade; enquanto nas primeiras o que dita o vínculo é a acumulação e o valor monetário e/ou financeiro das coisas, nas segundas o que está em jogo são os diferentes modos de relacionamento interpessoal, sem o envolvimento de trocas baseadas naqueles valores materiais.

Lembremos que a idéia de “fato social total”, de Mauss, envolve diversas categorias da experiência social da comunidade estudada – psicológico, geográfico, econômico etc. –, tal como o kula o foi para Malinowski. Dessa feita, temos uma espécie de “regra das regras” do

entendimento da vida social, pois distintos grupos sociais criam, para Lévi-Strauss, alianças no bojo do funcionamento dessas instituições.¹⁰ Assim, o importante não é estudar a instituição em si, mas as relações sociais entendidas por intermédio dela. O que seria, então, uma “estrutura elementar”?

No caso de Lévi-Strauss, uma estrutura elementar de parentesco é o sistema de casamentos dentro de um grupo de parentes. Nosso sistema seria extra-estrutural, com os casamentos ocorrendo fora das opções do grupo de parentes. A afinidade possibilita a sociabilidade, e ela é criada pela classificação do mundo pelo parentesco; por isso, afirma Lévi-Strauss que a idéia universal fundadora da sociabilidade é o incesto, a proibição de relações específicas de casamento; as afinidades, portanto, são de caráter finito e de construção dinâmica e permanente. Na verdade, qualquer sociedade, para existir, tem como pedra fundamental a proibição do incesto, ou melhor, a idéia de limites de papéis sociais, pois o que é universal não é a proibição em si, mas a sua existência. Dessa forma, funda o que entende por “pensamento simbólico”.¹¹

Um importante aspecto que aparece no texto é a preocupação com a função mágica das trocas, com as mercadorias sendo comparadas em relação direta aos “rituais” sociais,

10. “Quando Mauss fala de fatos sociais totais implica, pelo contrário (se o interpretamos corretamente), que esta dicotomia fácil e eficaz é interdita ao sociólogo, ou, pelo menos, que ela não podia corresponder senão a um estado provisório e fugitivo do desenvolvimento da ciência. Para compreender convenientemente um fato social, é necessário apreendê-lo totalmente, quer dizer, do exterior como uma coisa, mas como uma coisa de que faz, no entanto, parte integrante a apreensão subjetiva consciente e inconsciente que dela fariamos se, inelutavelmente homens, víssemos o fato como indígenas em vez de o observarmos como etnógrafos.” LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss, traduzido do francês. In: COELHO, Eduardo Prado (sel. dos textos). *Estruturalismo*, antologia de textos básicos. Lisboa: Portugalia, s/d.. p. 149-190, p. 166.

11. O processo de gênese dessa afirmação de Lévi-Strauss sobre a “estrutura básica do parentesco” está resumida em *Análise estrutural em linguística e antropologia* [1945]. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 45-70. Nesse texto, Lévi-Strauss traça um argumento sociológico sobre o núcleo do parentesco, concluindo que a relação junta consanguinidade e afinidade, sendo que esta última é que estabelece a reciprocidade. No parentesco, a criança é, para ele, o movimento do sistema, seu sentido dinâmico, entre credores e devedores – que só acontece entre diferentes gerações.

contidos na representação das diferentes formas de trocas. O argumento é que certas trocas cerimoniais em nossa sociedade podem ser vistas facilmente em ocasiões especiais do ano, como quando se dá uma recepção especial a alguém, ou mesmo em comidas que só aparecem em certas épocas – como na Páscoa e no Natal. Para Lévi-Strauss, nas sociedades primitivas as alianças acontecem sem tal precisão de ocasiões, e sim em toda a vida cotidiana, que em nossa sociedade estão presentes nas trocas movidas sob a égide dos “modos de produção”.

No bojo dessa discussão, o termo “arcaico”, utilizado pelo autor, pode ser entendido como resquício, repetição de um costume sem maior importância, no qual uma quebra da regra social não trará maiores problemas para ninguém. No entanto, esse termo também pode ser entendido como uma dimensão de igualdade e de desigualdade, conhecendo sua dimensão simbólica e ritual, isto é, cultural. O mercado tem o seu lugar, mas o que faz a cultura vender o seu produto, por exemplo, é como a publicidade utilizará os diferentes códigos sociais envolvendo o que se quer vender. Conclui, assim, que os agentes sociais podem perceber as subjetividades presentes em comportamentos sociais mais gerais, em um exercício de olhar crítico muito semelhante ao do antropólogo. Nesse caso, há um reconhecimento do fato de os produtos não se reduzirem a seus valores materiais, mas sim simbólicos, fazendo-nos lembrar, em certa medida, o “fetichismo das mercadorias” de Karl Marx, quando este argumenta que “a mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens; esse fetichismo do mundo das mercadorias decorre do caráter social do próprio trabalho que produz as mercadorias” (Marx, 1968).

No que serviu de base para vários trabalhos de Thompson, cabe ainda algumas questões presentes, em “História e etnologia” (1949).¹² Nesse texto, Lévi-Strauss argumenta que o historiador deveria, para dar maior densidade sociológica a seu trabalho, entender a ação dos

homens em espaços bem localizados temporalmente, no passado, é bem verdade, tal como o etnógrafo, em um primeiro momento, e o etnólogo, em um segundo momento, mesmo que estes com relação ao tempo ainda vivido. Primeiro deveria observar e analisar as diferenças entre as sociedades e, depois, em um segundo momento, explicá-las. Dessa feita, argumenta que há muitas semelhanças entre o trabalho do historiador e o do etnólogo, ou seja: pesquisam sociedades nas quais não vivem, alargam experiências particulares a experiências gerais construídas pelos homens, podendo elevá-las a um caráter mais geral ainda das experiências dos homens em outros tempos, para que sejam melhor compreendidos. Lévi-Strauss propõe que o historiador, apesar de ter os mesmos objeto e objetivo que o etnólogo, oriente o seu trabalho para a apreensão dos dados relativos às ações conscientes dos homens na vida social de tempos passados, já que os fenômenos culturais são construções muito fluidas no tempo, resultado de condições inconscientes da vida social. Para isso, o historiador lançaria mão de um intenso e meticuloso trabalho de interpretação de documentos. O problema, assim, é deslocado da idéia de falta de fontes para a pesquisa, para a construção de metodologias de pesquisa criativas.¹³

Cultura como fronteiras borradas em E. P. Thompson

Em “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”, publicado no número 38 da revista *Past and Present*, em 1967, o historiador inglês E. P. Thompson analisa relações antropológicas de classe social, saindo da preocupação com os diversos modos de produção, que dava o tom das discussões marxistas de então. O autor fazia parte do grupo que fundou tal revista, depois da invasão russa à Hungria, em 1956, do qual também eram membros Eric J. Hobsbawm e Christopher Hill,

12. Utilizamos a seguinte edição: LÉVI-STRAUSS, Claude. História e etnologia. In: Antropologia estrutural, traduzido do francês. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 13-41.

13. Para maiores comentários acerca da visão de história de Lévi-Strauss, ver GOLDMAN, Márcio. Lévi-Strauss e os sentidos da história. In: Alguma antropologia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999, p. 55-64. Esse texto ajuda a melhor compreender uma série de questões tratadas neste trabalho, servindo de contraponto crítico à nossa própria leitura da teoria levi-straussiana da história.

ligados ao Partido Comunista inglês. O primeiro tornou-se famoso com o livro *Rebeldes primitivos* (1959),¹⁴ quando estudou movimentos sociais de protesto popular nas sociedades ocidentais capitalistas. Argumentou que tais movimentos, como a máfia siciliana e o cangaço brasileiro, não poderiam mais ser vistos como ausentes de lógicas de sociabilidades, mas sim passíveis de serem estudados como uma resposta a certas demandas de estratos socioeconômicos que não se encaixariam na idéia de luta de classes apenas de burgueses contra proletários. O segundo, com *A Revolução Inglesa de 1640* (1955),¹⁵ complexificando suas análises em *O mundo de ponta-cabeça* (1972),¹⁶ desloca o olhar da Revolução Puritana de 1640 para o importante papel político de líderes de movimentos religiosos oriundos da Reforma Protestante, em suas alianças com líderes políticos locais. Com seus discursos milenaristas de disciplina moral e trabalho, tais líderes condenavam formas de pensar o mundo em verdadeiras cosmologias, nas quais trabalhadores camponeses ou de pequenos centros urbanos discutiriam suas insatisfações em uma espécie de gramática decodificadora de forma de vida social.

Em suma, os três autores operam: com pesquisa empírica em fontes primárias; a idéia de história por meio das formas de os atores sociais construir suas sociabilidades; a idéia de classe social ligada à luta entre grupos sociais de pensamentos semelhantes que só se reconhecem em oposição a outros, e vice-versa, levando em conta os modos de viver a economia dos agentes sociais, nos modos de produção e reprodução dos meios materiais de vida, sem estruturas de análise anteriores como fórmulas do entendimento de um processo histórico fatalista. Como conceito, revolta dá lugar a protesto.¹⁷

Em todo o texto, Thompson valoriza os hábitos e costumes do que viria a ser o operariado industrial inglês, sob o argumento de que a Revolução Industrial inglesa do século XVIII não aniquilou as regras sociais, modos de relacionamento anteriores a ela. Muito pelo contrário. As maneiras de ver o mundo e de viver a vida dos trabalhadores que aos poucos foram “capturados” pelos modos de produção industrial mantiveram-se vivas durante algum tempo. No século XVIII, esses hábitos e costumes foram sendo suplantados pelo ritmo de vida mais rápido do capitalismo, mas não tão imediatamente quanto se possa pensar. Thompson defende que houve um duplo padrão cultural entre os trabalhadores ingleses no século XVIII; seria como o que se poderia chamar de “pré-capitalismo” houvesse conseguido conviver com o capitalismo. Nessa concepção, trabalhando com um leque enorme de fontes manuscritas, oficiais e não oficiais, primárias e secundárias, opera com o empirismo rankeano, com a antropologia cultural e com o marxismo, debruçando-se sobre a idéia de sociedades tradicionais e outras capitalistas, apontando um grande abismo cultural entre elas, ou seja, de idéias, costumes e comportamentos morais.

Dessa forma, é necessário analisar o conceito de “fronteira borrada”, buscando captar melhor as idéias de cultura e vida social de Thompson.¹⁸ Vejamos.

XIX, traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. A obra reúne artigos em que historiadores marxistas constroem seus objetos de estudo tendo como base tal debate.

18. Voltado para o debate de questões teóricas levantadas por Thompson inseridas em um diálogo com as ditas ciências sociais, de um modo menos temático e mais epistemológico, ver LITTLE, Daniel. *Varieties of social explanation: an introduction to the philosophy of social science*. Boulder, San Francisco: Oxford, Westview Press, 1991, p. 68-87. Sobre o papel de Thompson no debate do marxismo inglês, discutindo, fundamentalmente, a carpintaria dos conceitos que nos interessam, ver KAYE, Harvey J. *The British marxist historians: an introductory analysis*. New York: St. Martin's Press, 1995. p. 167-249. Para uma visão mais geral do conceito de fato social relacionado aos de estrutura e processo histórico, ver TRIMBERGER, Ellen Kay. E. P. Thomson: understanding the process of history. In: SKOCPOL, Theda (Ed.). *Vision and method in historical sociology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 211-243. E sobre o impacto da visão desses conceitos aliados ao de cultura no debate marxista europeu sobre as classes sociais e a história sociológica, ver AZAIS Christian & CAPPELLIN, PAOLA. Para uma análise das classes so

14. Ver HOBBSBAWM, Eric J. *Rebeldes primitivos: estudo sobre as formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*, traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

15. Ver HILL, Christopher. *A Revolução Inglesa de 1640*, traduzido do inglês. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

16. Ver HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*, traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

17. Para uma compreensão dessa discussão dos conceitos de revolta e protesto, ver KRANTZ, Frederick (Org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a*

Na Inglaterra do século XVIII, vários “acordos silenciosos” entre patrões e empregados foram se estabelecendo, pois a legislação britânica não acompanhava com a mesma velocidade a mudança dos modos de produção e, conseqüentemente, as insatisfações dos empregados com os novos padrões para o exercício do trabalho. O tempo de trabalho alterado pela entrada cada vez maior das máquinas no processo produtivo, assim como os perigos físicos aos trabalhadores acarretados por elas, seriam o epicentro de suas freqüentes revoltas, ou, melhor, protestos. Esses agentes sociais antes não eram agrupados na categoria “trabalhadores”, pois não se reduziam à operação das maquinofaturas, em um trabalho bem mais diversificado e menos especializado. Aspectos psíquicos também teriam sido alterados nessa relação, quando a organização cronológica do tempo de vida diário, semanal e até mensal estava em permanente modificação, dadas as novas realidades da organização do trabalho.

Se Michel Foucault afirma que, em fins do século XVIII e início do XIX, funda-se a idéia de que o crime era menos importante do que o criminoso, e mais adiante isto vai ser ligado a prostitutas, trabalhadores operários, escravos e libertos, com base na visão liberal capitalista que trabalho e ócio são excludentes,¹⁹ Thompson argumenta que é possível constatar inflexões nos discursos de curas e moralistas britânicos do século XVIII. Assim, as imagens do tempo foram relacionadas ao ganhar dinheiro no cotidiano dos trabalhadores urbanos concomitantemente ao discurso moral dos puritanos, à ética protestante no modo de entender de Weber, e na necessidade de novas formas de articular as habilidades dos trabalhadores das fábricas com as máquinas adotadas na produção, na visão dos patrões. Exemplos que nos dá Thompson são a presença de feitores nas fábricas inglesas, tendo como inspiração feitores

de fazendas escravistas das colônias nas Américas, e o ajustamento dos relógios de modo a marcarem mais lentamente a passagem do tempo, feito por revendedores das cidades locais, segundo encomendas de industriais. Não à toa, diz Thompson como objetivo de seu artigo:

O que estamos examinando não são apenas mudanças na técnica de manufatura que exigem maior sincronização do trabalho e maior exatidão nas rotinas do tempo em qualquer sociedade, mas essas mudanças como são experienciadas na sociedade capitalista industrial nascente. Estamos preocupados simultaneamente com a percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico e com a medição do tempo como meio de exploração da mão-de-obra. (Thompson, 1998, p. 289)

Tal como Weber explicita na “Introdução” de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Thompson opera com movimentos históricos que, mesmo sem ter, e por isso mesmo, relações racionais diretas em seu desenvolvimento, formam as bases do que viria a ser o moderno capitalismo industrial do século XIX, e todas as suas implicações nas formas de sociabilidade. Seriam as vozes silenciosas do processo histórico, segundo Thompson, presentes na vida social e na cultura entendidas como as manifestações concretas dos costumes e das rupturas nas relações sociais. Nesses aspectos, a relação da disciplina de trabalho também envolveria a visão cosmológica do trabalhador, em suma, a força que as religiões metodistas ganhavam na chamada classe trabalhadora inglesa em formação – tese defendida em *A formação da classe operária inglesa*. Tais fatores, unidos, propiciaram uma adaptação mais rápida dos trabalhadores à disciplina de trabalho capitalista de finais do século XVIII e início do XIX, eliminando, assim, a idéia de causa e efeito entre os fatores históricos, resultando no processo histórico. Portanto, a luta de classes é entendida com base no conflito entre setores que se definem simultaneamente na sociedade industrial, ou seja, industriais e operários, ao largo dos conflitos acerca das concepções de tempo que mudam com rapidez, bem como o da produção e o da vida social. Assim, entende que “uma classe não pode existir sem um tipo qualquer de consciência de si

ciais. In: BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, n. 35, 1 semestre, 1993. p. 25-40.

19. Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, traduzido do francês, 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Sobre outros aspectos dessas questões, ver SCHMITT, Jean-Claude. *A história dos marginais*. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *A nova história*, traduzido do francês, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 261-290.

mesma; [...] dizer que uma classe em seu conjunto tem uma consciência verdadeira ou falsa é historicamente sem sentido" (Thompson, 1998, p. 289).

Agora, podemos entender uma idéia-chave em sua obra: juntamente com as transformações dos meios de produção na indústria, as disputas sociais mais fortes que estavam na dinâmica dos agentes sociais de um mesmo grupo, classe, se preferirmos, paulatinamente deram lugar a disputas entre dois grupos mais genéricos, ou seja, entre industriais e operários. Esta seria uma novidade na história das relações sociais na Inglaterra, pois o que Thompson entende por lutas na classe passou a ser lutas de classe, isto é, de horizontais passam por um processo de verticalização.²⁰

Nesse período, é muito difícil estabelecer o que seria moderno nos modos de produção na Inglaterra e o que seria arcaico – nos termos de Lévi-Strauss. Apesar de as relações de trabalho capitalistas dominarem amplamente tal sociedade, protestos operários davam-se no intuito de fazer valer acordos estabelecidos nas relações com seus patrões, no convívio diário da vida nas fábricas. Entretanto, esse tipo de relação pertenceria a uma época em que os patrões não operavam de modo tão racional no tocante à relação entre tempo, disciplina de trabalho e produção, para gerar um lucro determinado em seu investimento inicial. Automaticamente, os trabalhadores viam suas lógicas de negociação cotidianas frustradas ao não serem mais respondidas pelos patrões diante de suas expectativas. Ou seja, há um conflito de ritmos de negociação, até mesmo das perspectivas do que é moralmente justo negociar para operários e patrões. Ou seja, uma fronteira borrada de sociabilidades, agora estabelecida por meio das relações de trabalho, ou melhor, no entendimento da vida social, das sociabilidades, tendo no trabalho seu elemento fundador, explicativo.²¹

O argumento principal de Thompson é que o tempo, de concreto, passou a ser entendido

como abstrato, tendo o trabalhador de lidar com o trabalho disciplinado pelo tempo – fenômeno totalmente novo, trazido pela Revolução Industrial inglesa do século XVIII –, e não mais por tarefa, como o era até então. Dessa forma, o tempo, que era irregular, passa a ser regular e racionalizado. Quando Thompson afirma que a forma irregular do tempo é empírica e variada de lugar para lugar, de sociedade para sociedade, fica mais patente sua ligação com a idéia de vida social tanto em Malinowski, quanto em Lévi-Strauss.

Antes o trabalhador controlava o tempo produtivo, e depois não mais. O plano mental, portanto, não está deslocado das demais relações sociais, muito pelo contrário, uma vez que Thompson chama a atenção para os estudos sobre a relação ora paranóica, ora não, entre figuras simbólicas que representavam ameaças de revoltas de turbas de trabalhadores, lideradas por um certo Capitão Swing, do homônimo livro de Eric Hobsbawm e George Rudé, e as atitudes de patrões para melhorar a segurança ante tais ameaças e medos delas.²² A partir disto, podemos entender a forma que dá ao estudo dos relógios. Eles existiram desde muito antes do advento do capitalismo industrial, mas receberam novo significado com a emergência cada vez maior das relações sociais envolvidas por sua organização de trabalho. Até então, a relação dos agentes sociais com o trabalho era por um padrão irregular e "naturalmente" sistemático.

Conclusão: sociabilidade em Malinowski, Lévi-Strauss e a "cultura moral" de Thompson

Em A formação da classe operária inglesa, Thompson pergunta-se até que ponto o

20. Ver THOMPSON, E. P. *Lucha de clases sin clases?*. In: *Tradición, revuelta y conciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*, textos traduzidos do inglês para edição especial espanhola, 3. ed. Barcelona: Editorial Crítica, 1989. p. 13-61, p. 15.

21. Ver THOMPSON, E. P. *A economia moral da multidão inglesa no século XVIII*. In: *Costumes em comum*. p. 150-202.

22. Originalmente publicado como "The history from below" em *The Times Literary Supplement*, de 7 de abril de 1966, somente disponível em português em Thompson, E. P. *As peculiaridades dos ingleses, e outros artigos*. p. 185-201. Esse artigo alavancou a organização de um debate intelectual acerca da admissão da importância de entender as relações sociais de agentes históricos de estratos econômicos e sociais mais baixos, sintetizado por SHARPE, Jim. *A história vista de baixo*. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*, traduzido do inglês. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 39-62. Ver também HOBBSAWM, Eric. *A história de baixo para cima*. In: *Sobre história: ensaios*, traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 216-231.

conjunto de tradições populares foi alterado pelas transformações da indústria pesada inglesa. O que importa, para ele, é a densidade dos valores construídos e construtores das relações sociais, complexos em qualquer sociedade – nesse trecho, identificamos a conexão com nossos apontamentos sobre a idéia de vida social de Malinowski. Logo nas primeiras linhas do prefácio, ele discute o que entende por classe social, definindo o que acredita ser consciência de classe. Vale citar:

Class-consciousness is the way in which these experiences are handled in cultural terms: embodied in traditions, value-systems, ideas, and institutional forms. If the experience appears as determined, class-consciousness does not. We can see a logic in the responses of similar occupational groups undergoing similar experiences, but we cannot predicate any law. Consciousness of the class arises in the same way in different times and places, but never in just same way.²³

Tal como Malinowski e Lévi-Strauss apontaram nos textos analisados por nós, Thompson relativiza os fenômenos sociais em suas causas e efeitos, admitindo que manifestações da vida social podem acontecer em lugares distintos, em épocas distintas – passíveis de comparação –, por diferentes caminhos. Pois o que define tal fator é a maneira pela qual os homens se organizam e agem de acordo com as suas referências culturais, na reafirmação de velhos e na construção de novos símbolos sociais. A cultura não é autônoma com relação às relações sociais, não é um objeto opaco, com vida própria; ambas são entendidas concomitantemente, por estarem estreitamente vinculadas. Assim, o que é incesto em uma determinada sociedade, o que seria o kula em outra – um mecanismo de comunicação e estratificação moral dinâmico – também é o que pode ser entendido como tempo

da vida social e do trabalho em outra. Estruturalmente, todos esses conceitos fundadores das sociabilidades estão ligados.

Quando entendido na função de fundador da organização social e das sociabilidades, o incesto tem papel ordenador de comportamentos, de inclusão e exclusão de determinadas regras sociais. Nada impede, muito pelo contrário, de a regra e a desregra dos comportamentos sociais conviverem, não apenas na mesma sociedade, como também na subjetividade dos agentes sociais. Da mesma forma, no kula, uma troca de objetos pode envolver simultaneamente a possibilidade de um grupo trobriandês ter conseguido ou não construir um colar de conchas para poder trocá-lo com um outro grupo. Em caso de não o conseguir, o kula não pára, mas rearticula-se conforme fatores de funcionamento fomentados pelos modos de punição presentes na hierarquia geral do sistema social, expondo eficazmente aqueles agentes que não deram conta de sua tarefa.

Thompson também não acredita que sociedades tradicionais e sociedades capitalistas possam ser consideradas incongruentes. Ora, quando analisou o surgimento da industrialização como fundadora das sociabilidades, concluiu que, nas primeiras, tradicionais, seriam valorizadas relações sociais entendidas por leis morais, transmitidas nos comportamentos das relações de trabalho cotidianas, não necessariamente remuneradas. Portanto, Thompson compreende que hábitos reguladores de comportamentos não dependem da racionalidade para serem entendidos nem expressos pelos agentes sociais. As segundas, ditas capitalistas, trabalhariam com regras escritas por agentes sociais mais ricos economicamente – segundo os valores da sociedade analisada –, que transbordariam para as sociabilidades nas fábricas, a subjetividade do trabalhador e as formas de relações sociais cada vez mais racionalizadas. A influência dessa idéia de Thompson entre intelectuais ingleses marxistas heterodoxos pode ser vista, por exemplo, em um trabalho de Keith Thomas com relação à magia ou ao conhecimento de curas por meio de “métodos naturais” e à medicina das academias iluministas, na disputa pela autoridade sobre as formas certas ou erradas,

23. Pedimos encarecidas desculpas por não utilizarmos a tradução da obra para o português. Esta foi dividida em três volumes, inexplicavelmente, pela editora Paz e Terra, com tradução bastante precária para nossos interesses em trabalhar a natureza dos conceitos de E. P. Thompson. Se nossos objetivos fossem outros, poderíamos ter utilizado tal tradução. Assim, usamos a edição norte-americana, copiada da original inglesa de 1963. Cf. nota 7; para citação, ver p. 10 da edição por nós utilizada.

tradicionais ou modernas, de pensar parte da vida social.²⁴

Pensemos numa estrada de mão dupla, onde em uma ponta teríamos os patrões e, nas outras, os empregados. Os carros seriam as relações de trabalho em suas regras de funcionamento sociais mais amplas. A mão da racionalidade do tempo da produção e, por conseguinte, das regras morais de comportamento, iria dos patrões para os empregados. A mão das relações morais, por serem construídas em comportamentos repetidos de modo pedagógico, hábitos populares, iria dos empregados para os patrões. A primeira seria a do capitalismo industrial; a segunda, a dos modos de produção avessos, mas não contrários, ao capitalismo industrial. Dessa forma, Thompson entende a vida social como um infinito campo de possibilidades de troca, por meio de atitudes que envolvem agentes sociais que não se identificam com o grupo social, classe, do outro, em movimento permanente, no qual os atores são produtos e colhem o que produzem para suas maneiras de se relacionar socialmente.

Thompson, ao não aceitar uma idéia de história antes de investigar como se deram as relações entre seus agentes, quer pensar como as sociabilidades no capitalismo suplantam outras, comparando protestos de grupos de trabalhadores urbanos contra patrões e autoridades públicas inglesas, tempos e formas de organização de trabalho, discursos religiosos de salvação e modos para atingi-la, discursos de moralistas,²⁵ disciplina moral coletiva, em seus nexos monetários reveladores de mudanças no entendimento do mundo social. Sua preocupação primeira é o quando das relações sociais, como Malinowski em relação ao kula, e Lévi-Strauss, às trocas sociais. Seu kula e seu incesto movem-se no tempo, trocando de lugar hierarquias e valores, na construção não de um mundo social, não de uma Melanésia, não de uma estrutura elementar do parentesco, mas sim de um

conjunto de várias Ilhas Trobriand, com suas peculiaridades, incestos, regras e desregras, papéis sociais e suas inversões.

Abstract: The importance of E. P. Thompson to the social sciences is very know, cause his studies about popular culture and the meaning of divers historic social universes. The objective of this article is analyzing the connections possibilities between the fundamental concepts of Thompson, B. Malinowski and C. Lévi-Strauss, understanding more specific the idea of "social life" to the first, influenced hardly to the same idea of two later.

Key words: E. P. Thompson; social sciences theory; "social life"; history.

Referências

- AZAÏS, Christian & CAPPELLIN, Paola. Para uma análise das classes sociais. BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, n. 35, 1º. semestre, 1993. p. 25-40.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. Traduzido do alemão. In: Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 1-28. [Coleção Os pensadores].
- EVANS-PRITCHARD, E. E. Os nuer. Traduzido do inglês. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Traduzido do francês. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOLDMAN, Márcio. Lévi-Strauss e os sentidos da história. In: Alguma antropologia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999. p. 55-64.
- HILL, Christopher. O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. Traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. A Revolução Inglesa de 1640. Traduzido do inglês. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- HOBSBAWM, Eric J. Rebeldes primitivos: estudo sobre as formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- _____. e RUDÉ, George. Capitão Swing: a expansão capitalista e as revoltas na Inglaterra do início do século XIX. Traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- _____. A história de baixo para cima. In: Sobre história: ensaios. Traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 216-231.

24. Ver THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800), traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

25. Sobre este aspecto, ver THOMPSON, E. P. Os românticos: a Inglaterra revolucionária, traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

JASMIN, Marcelo. Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência política. Rio de Janeiro: Access, 1997.

KAYE, Harvey J. . The British marxist historians: an introductory analysis. New York: St. Martin's Press, 1995.

KRANTZ, Frederick (Org.). A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

KUPER, Adam. Antropólogos e antropologia. Traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

LITTLE, Daniel. Varieties of social explanation: an introduction to the philosophy of social science. Boulder, San Francisco, Oxford: Westview Press, 1991.

LEACH, Edmund. As idéias de Lévi-Strauss. Traduzido do inglês. São Paulo: Cultrix, 1973.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. Traduzido do francês. In: COELHO, Eduardo Prado (sel. dos textos). Estruturalismo, antologia de textos básicos. Lisboa: Portugalia, s/d., p. 149-190.

_____. Introdução: história e etnologia. In: Antropologia estrutural. Traduzido do francês. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 13-41.

_____. Análise estrutural em lingüística e antropologia. In: Antropologia estrutural. Traduzido do francês. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 45-70

_____. As estruturas elementares do parentesco. Traduzido do francês. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Traduzido do inglês. In: Malinowski. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. [Coleção Os Pensadores].

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política, livro 1. Traduzido do alemão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, v. I.

PALMER, Bryan D. Edward Palmer Thompson: objeções e oposições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques (Org.). A nova história. Traduzido do francês. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 261-290.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspec-

tivas. Traduzido do inglês. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 39-62.

SIGAUD, Lygia. Apresentação. In: LEACH, E. R. Sistemas políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin. São Paulo: Edusp, 1996. p. 9-45.

TAYLOR, Miles. 1997/1998. As guinadas lingüísticas na história social britânica. História Social, Campinas, n. 4/5. p. 77-90.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, E. P. The making of the English working class. New York: Vintage, 1966.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. Lucha de clases sin clases? In: Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Textos traducidos do inglês para edição especial espanhola. 3. ed. Barcelona: Editorial Crítica, 1989. p. 13-61.

_____. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In: Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. Traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 150-202.

_____. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. Traduzido do inglês. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

_____. As peculiaridades dos ingleses. In: A peculiaridades dos ingleses, e outros artigos. Seleção de textos traduzidos do inglês organizada por Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p.75-179

_____. Algumas observações sobre classe e 'falsa consciência'. In: As peculiaridades dos ingleses, e outros artigos. Seleção de textos traduzidos do inglês organizada por Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 269-281.

_____. A história vista de baixo. In: As peculiaridades dos ingleses, e outros artigos. Seleção de textos traduzidos do inglês organizada por Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 185-201.

_____. Os românticos: a Inglaterra revolucionária. Traduzido do inglês. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América. Traduzido do francês. 2. ed. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

TRIMBERGER, E. K. E. P. Thompson: Understanding the process of History. In: SKOCPOL, Theda (Ed.). Vision and method in Historical Sociology. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 211-243.

WEBER, Max. Classe, status, partido. Traduzido do inglês. In: BERTELLI, Antônio Roberto; PALMEIRA, Moacir G. Soares; VELHO, Otávio Guilherme C. A. (Orgs.). Estrutura de classes e estratificação social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966. p. 57-75.

_____. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 4. ed. Traduzido do alemão. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.